



TARRYN FISHER

*O Impostor*

TARRYN FISHER

# O Impostor

TRADUÇÃO  
FÁBIO ALBERTI

**COPYRIGHT © 2013 BY TARRYN FISHER**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **FABIANE ZORN**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **DEAN DROBOT, NIK MERKULOV | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fisher, Tarryn

O impostor / Tarryn Fisher; [tradução Fábio Alberti]. — São Paulo : Faro Editorial, 2016. —  
(Série amor & mentiras, 3)

Título original: Thief.

ISBN 978-85-62409-74-5

1. Homem-Mulher - Relacionamento - Ficção
2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

---

16-05129

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

## CAPÍTULO 1

# *Presente*



**EU PERDI OLIVIA TRÊS VEZES. NA PRIMEIRA VEZ FOI POR** impaciência. Na segunda, por causa de uma mentira tão odiosa que não conseguimos superar. E na terceira vez — no momento presente —, eu a perdi para Noah.

Noah é um cara legal. Eu o investiguei — e investiguei a fundo. Mas a verdade é que, mesmo que ele fosse o príncipe da Inglaterra, eu não o consideraria bom o suficiente para ela. Olivia é uma obra de arte. É preciso saber interpretá-la, saber enxergar a beleza que se esconde sob os contornos ásperos de sua personalidade. Quando penso nos dois juntos, quando me lembro de que ele pode tê-la e eu não, sinto vontade de esmurrar o rosto de Noah até deixá-lo irreconhecível.

Olivia pertence a mim. Ela sempre foi minha e sempre será. Seguimos rumos diferentes nos últimos dez anos, mas nossos caminhos sempre se cruzam. Algumas vezes isso acontece porque procuramos um pelo outro; outras vezes, por obra do destino.

Ela tem o tipo de amor que pode manchar a alma de um homem, fazendo-o desejar desesperadamente não possuir uma alma só para escapar de seu feitiço. Fiz inúmeras tentativas de me afastar de Olivia de vez, mas todas foram inúteis. Há mais dela dentro de mim do que meu próprio sangue.



Eu a vejo neste exato momento; ela está na televisão. A imagem de Olivia preenche as 72 polegadas da tela: cabelos negros, olhar ambíguo, dedos tamborilando a mesa a sua frente, as unhas pintadas de vermelho-rubi. O programa de notícias do canal Seis está cobrindo a história. Trata-se do julgamento de Dobson Scott Orchard, o famoso estuprador que sequestrou oito garotas no período de doze anos... E Olivia é a advogada de defesa dele. Isso faz meu estômago revirar. Os motivos que a levaram a pegar o caso desse homem estão muito além da minha compreensão. Talvez seu desprezo por si mesma ajude a explicar por que passou a defender criminosos imprestáveis. Ela já defendeu minha mulher uma vez e ganhou o caso que poderia tê-la colocado atrás das grades por vinte anos. E aí está Olivia agora, sentada, calmamente, ao lado de seu cliente, inclinando-se de vez em quando para lhe sussurrar alguma coisa ao ouvido enquanto esperam o júri retornar com o veredito. Já estou em meu segundo uísque. A situação em que ela se encontra me deixa irritado e preocupado ao mesmo tempo. Meus olhos se detêm nas mãos de Olivia — suas mãos sempre indicam o que ela está sentindo. Seus dedos pararam de tamborilar a mesa, e agora suas mãos estão cerradas, e seus pequenos pulsos estão apoiados na beirada da mesa como se estivessem acorrentados ali. Tenho uma visão privilegiada de sua aliança. Despejo mais uísque no meu copo, bebo o conteúdo em um só gole e deixo a garrafa de lado. A tela troca a imagem para a sala de imprensa, onde um repórter fala a respeito das seis horas que o júri já havia gastado para deliberar e comenta as implicações disso sobre o veredito. De repente ele se sacode em seu assento, como se tivesse levado um choque: *“O júri acaba de entrar na sala do tribunal, onde o juiz lerá o veredito em poucos minutos. Vamos para lá agora”*.

Sentado na cadeira, eu me inclino para a frente, apoiando meus cotovelos sobre os joelhos. Minhas pernas ficam inquietas — isso acontece sempre que estou nervoso —, e me vem o desejo de mais uma dose de uísque. Todos os presentes na sala do tribunal estão em pé. Dobson, um homem grande, faz com que Olivia pareça uma pequena boneca de porcelana ao seu lado. Ela está vestindo uma blusa de seda azul no tom que eu mais gosto. Seu cabelo está preso atrás, mas há cachos escapando e descendo pelo rosto. Como ela é linda! Eu abaixo a cabeça na tentativa de

evitar as lembranças. Mas é inútil, elas vêm mesmo assim. Os cabelos dela, longos e despenteados, dominam cada uma dessas lembranças. Eu os vejo em meu travesseiro, em minhas mãos, na piscina onde a beijei pela primeira vez. Esta é a primeira impressão que temos dela: uma garota pequena, rodeada por abundantes cabelos negros e ondulados. Depois que rompemos, ela os cortou. Eu quase não a reconheci na loja de discos onde nos encontramos. Fiquei chocado ao ver como ela havia mudado, o que me ajudou a mentir. Eu precisava conhecer aquela Olivia que cortava o cabelo e abria caminhos usando apenas suas mentiras. Mentiras... Parece loucura querer as mentiras de uma mulher. Porém é assim que Olivia ama: mentindo. Ela mente sobre o que está sentindo. Mente ao dizer que não quer você quando na verdade ela quer, sim. Ela mente para proteger você e se proteger ao mesmo tempo.

Vejo-a colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha num gesto impaciente e brusco. Para quem não a conhece bem, essa atitude é perfeitamente normal. Mas noto que seu pulso se move para trás bruscamente. Ela está agitada.

Eu sorrio. O sorriso se estampa em meu rosto no instante em que o juiz lê o veredito: *"Inocente por insanidade"*. É inacreditável — ela conseguiu! Corro as mãos pelos meus cabelos. Não sei se quero recriminá-la ou parabenizá-la. Olivia desaba em sua cadeira, com os olhos arregalados numa expressão de surpresa. Todos a abraçam e lhe dão tapinhas nas costas. Quanto mais congratulações ela recebe, mais fios de cabelo vão se desprendendo de seu coque. Dobson será enviado a uma instituição para doentes mentais, em vez de ser mandado a uma prisão federal. Espero para ver se Olivia o abraçará, mas ela mantém distância de seu cliente e lhe oferece apenas um sorriso nervoso. A câmera se volta para o rosto do promotor público; ele parece furioso. Todos parecem furiosos. Olivia está fazendo inimigos, o que, diga-se de passagem, é a especialidade dela. Eu quero protegê-la, mas ela não é minha. Espero que Noah consiga dar conta do recado.



Eu pego minhas chaves e saio para correr um pouco. A umidade deixa o ar pesado; o som da chuva repercute ao meu redor, distraíndo-me

de meus pensamentos. Mal acabo de sair do meu condomínio e já estou todo molhado. Na rua do meu prédio, viro à esquerda e sigo em direção à praia. É hora do *rush*, e o tráfego de carros é intenso. Passo por entre os para-choques, ignorando os olhares irritados que me seguem pela rua. Mercedes, BMWs, Audis — dinheiro não parece ser problema para as pessoas em minha vizinhança. Eu gosto de correr. Meu condomínio fica a quase dois quilômetros da praia. É preciso atravessar duas pontes para chegar lá. Eu desvio de um carrinho de bebê e vejo de relance os iates, então penso em meu barco. Já faz tempo que não o uso. Talvez eu esteja precisando exatamente disso: passar um dia no barco. Quando alcanço a água, mudo de direção e começo a correr ao longo da praia. É neste lugar que eu lido com a minha raiva.

Corro até ficar exausto. Então sento-me na areia, respirando aceleradamente. Tenho de recuperar minha serenidade. Se eu continuar a me arrastar nessa fossa por muito mais tempo, talvez não consiga escapar dela. Tiro meu celular do bolso e faço uma ligação. Minha mãe atende, sem fôlego, como se tivesse acabado de usar a bicicleta elíptica. Em toda e qualquer situação, por mais desesperada que minha voz soe, mamãe, polidamente, me pergunta se estou bem e em seguida fornece um resumo de seus temas favoritos. Espero até que ela termine e então digo, com uma emoção involuntária na voz:

— Vou aceitar o trabalho em Londres.

Pega de surpresa, ela ficou em silêncio por um momento. Então respondeu, com voz extremamente alegre:

— Caleb, essa é a coisa certa a se fazer. Graças a Deus você mudou de ideia. Na última vez você rejeitou o convite por causa daquela garota e esse erro lhe custou...

Eu corto a conversa dizendo que ligarei para ela amanhã, depois de fazer contato com o escritório de Londres. Contemplo uma vez mais o mar antes de tomar o caminho de casa. Amanhã eu vou para Londres.

Não, não vou!

Acordo com o barulho de batidas. A princípio, penso que se trata de uma obra que está acontecendo em meu prédio. Os moradores do 760 estão reformando sua cozinha. Enfio minha cabeça debaixo do travesseiro, numa tentativa inútil de silenciar o barulho. Praguejando, jogo o

travesseiro para o lado. As batidas soam muito próximas. Deito-me de costas e presto atenção. O quarto começa a girar ao meu redor. Uísque demais — de novo. As batidas estão vindo da porta da frente. Passo as pernas por cima do colchão, sento-me na lateral da cama e visto o mais rápido possível uma calça de pijama cinza que encontro no chão. Atravesso minha sala de estar, chutando para o lado sapatos e pilhas de roupas que venho amontoando pelo caminho há semanas. Abro a porta num gesto apressado, e então tudo para. Tudo se paralisa: a respiração, as batidas do coração... o pensamento.

Nós avaliamos um ao outro em total silêncio. De repente ela passa por mim e começa a caminhar em minha sala de estar, como se dar as caras por aqui fosse a coisa mais natural do mundo. Eu ainda estou de pé diante da porta aberta, observando-a perplexo, quando ela se volta para mim e me fuzila com os olhos. Levo um longo momento para conseguir falar, para perceber que a coisa está acontecendo de verdade. Posso ouvir alguém usando uma furadeira no andar de cima. Olhando pela janela, enxergo um pássaro cruzando o céu, mas digo a mim mesmo que meus sentidos estão enganados a respeito dela. Não é possível que ela esteja aqui depois desses anos todos.

— O que você está fazendo aqui, duquesa?

Volto toda a minha atenção para ela; eu me concentro nela. Ela parece alucinada. Seus cabelos estão presos para trás, em uma trança, mas parte deles acabou se desprendendo e balança ao redor do seu rosto. Seus olhos, com um contorno preto bem forte, expressam grande emoção. Eu jamais a vi usar maquiagem dessa maneira antes. Ela abre os braços, num gesto amplo e brusco — um gesto raivoso. Eu me preparo para a enxurrada de palavras que costuma acompanhar a ira dela.

— O que houve? Nunca mais vai limpar isso?

Não é o que eu esperava ouvir. Empurro a porta com o pé, fechando-a, e passo a mão na nuca. Faz três dias que não me barbeio, e estou vestindo apenas uma calça de pijama. Minha casa parece um dormitório de estudante.

Caminho lentamente até o sofá, como se não estivesse em minha própria sala, e sento-me, constrangido. Ela anda de um lado para o outro, e eu a acompanho com os olhos.



Então, de repente, ela para.

— Ele está livre por minha causa. Eu o coloquei de volta nas ruas... Coloquei nas ruas um psicopata filho da puta! — Olivia dá um soco na palma de sua outra mão quando diz a última palavra. Seu pé toca em uma garrafa vazia de uísque que rola pelo piso de madeira. Nós dois a seguimos com o olhar, até vê-la desaparecer debaixo da mesa. — Qual é o problema com você, porra? — ela me pergunta, olhando para o caos ao redor.

Eu me reclino e entrelaço as mãos atrás do pescoço. Sim, concordo que meu apartamento esteja um desastre, mas há assuntos mais importantes a tratar no momento.

— Você devia ter pensado nisso antes de pegar o caso.

Olivia parece prestes a me dar um soco. Primeiro olha para o meu cabelo, então para a minha barba, detendo-se nela por um momento. Por fim seus olhos passam devagar pelo meu peito e voltam a se fixar no meu rosto. Subitamente ela recupera o controle. Sua expressão facial não deixa dúvida: ela acaba de se dar conta de que veio até mim e de que não deveria ter vindo. Nós dois entramos em ação ao mesmo tempo; ela dispara em direção à porta, e eu me levanto de um salto e bloqueio o seu caminho.

Ela mantém distância, mordendo o lábio inferior. Seu olhar já não era mais tão penetrante.

— E então? Vamos ficar parados assim o dia inteiro? — eu pergunto.

— Certo, certo... você venceu! — Olivia diz, por fim. Ela retrocede, contorna a poltrona e senta-se na cadeira reclinável.

Começamos nosso velho jogo de gato e rato. Isso me traz uma sensação de tranquilidade.

Sento-me no sofá de dois lugares e olho para ela, agitado. Olivia gira continuamente o dedo polegar sobre a sua aliança. Quando percebe que estou observando, ela para. Quase solto uma risada quando ela ergue o pé da cadeira e se espreguiça para trás como se estivesse em sua própria casa.

— Você tem uma Coca?

Eu me levanto e pego uma garrafa pequena para ela. Não tomo Coca-Cola, mas sempre tenho algumas guardadas na geladeira. Não sei por quê — talvez seja para Olivia. Ela tira a tampa, leva a garrafa aos lábios e bebe de uma só vez. Adora fazer isso.

Quando termina, ela passa a parte de trás da mão na boca e me encara.

— Acho que deveríamos tentar ser amigos.

Eu abro as mãos e balanço-as junto a cabeça, para o alto, indicando que não faço ideia do que ela está falando. Mas a verdade é que eu sei. Nós não conseguimos nos manter afastados um do outro, então qual é a alternativa?

Olivia soluça por causa do refrigerante.

— Bem... Sabe, eu nunca encontrei ninguém como você, capaz de me dizer tantas coisas sem pronunciar uma única palavra — ela disparou.

Eu sorrio. Na maioria das vezes, se eu a deixo falar sem interrompê-la, ela acaba me dizendo mais do que pretendia.

— Eu me odeio. Posso também ter sido a pessoa que colocou o maldito Casey filho da puta Anthony nas ruas de novo.

— Onde está Noah?

— Na Alemanha.

Essa informação me deixou surpreso.

— Ele estava fora do país quando deram o veredito?

— Ah, não enche. Nós não sabíamos quanto tempo demorariam para deliberar.

— Você deveria estar celebrando. — Eu me recosto no sofá e suspeno os braços, cruzando-os sobre o encosto.

Ela começa a chorar, mantendo o semblante sério, contudo. Seus olhos despejam lágrimas como se fossem torneiras abertas.

Fico imóvel onde estou. Tenho vontade de confortá-la, porém quando eu a toco não consigo mais parar.

— Está lembrada daquela vez, na faculdade, em que você começou a chorar porque achou que seria reprovada em um exame, e o professor pensou que você estivesse sofrendo uma convulsão?

Isso a faz rir. Eu relaxo.

— Você fez seu trabalho, duquesa — digo calmamente. — E fez muito bem.

Olivia concorda com um movimento de cabeça e se levanta. Nosso tempo acabou.

— Caleb... Eu...

Erguendo a mão, indico que ela não precisa falar nada. Não quero ouvi-la dizer que se arrepende de ter vindo ou que isso não acontecerá de novo.

Eu a acompanho até a porta.

— Eu deveria dizer que lamento pelo que aconteceu com Leah?  
— Ela me lança um olhar ambíguo. As lágrimas borraram a sua maquiagem. Em qualquer outra mulher, isso pareceria desleixo; em Olivia, porém, parece sexy, até lascivo.

— Eu não acreditaria se você dissesse isso.

Ela sorri; o sorriso começa em seus olhos e vai se estendendo lentamente por seus lábios.

— Venha jantar conosco. Noah sempre quis conhecê-lo. — Ela solta uma risada, pois deve ter notado ceticismo na minha expressão facial.  
— Ele é um grande sujeito. De verdade.

Passo a mão em meu rosto e balanço a cabeça num gesto de recusa.

— Jantar com o seu marido é algo que não está em meus planos. Não nesta vida.

— Defender a sua ex-mulher em uma ação judicial também não estava nos meus planos.

— Uau... essa doeu.

— Vejo você na próxima terça-feira, às sete? — Ela dá uma piscada e praticamente desaparece da minha frente.

Ela sabe que eu estarei lá, mesmo sem ter esperado pela resposta.

Diabos! Era só o que me faltava...

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

